

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO ACERVO DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS DE BELÉM DO PARÁ.

VALÉRIA AUGUSTI (UFPA).

Resumo

Em 1867, fundava-se o “Gremio Litterario Portuguez”, na Província do Pará. Entidade de “caráter cultural”, pretendia instruir os associados nas línguas nacional e estrangeiras, bem como proporcionar-lhes distração por meio de uma biblioteca escolhida. Para constituí-la, a diretoria desse gabinete de leitura enviou um correspondente à Lisboa, com vistas a encontrar um livreiro que pudesse fornecer as obras destinadas a compor o acervo da instituição. O livreiro escolhido foi Antonio Maria Pereira, que duas décadas antes fundou em Lisboa, um estabelecimento comercial para venda e encadernação de livros. O ex-aprendiz de livreiro-encadernador, ofício que aprendeu na “Casa dos vinte e quatro”, deu início, assim, a um empreendimento editorial que, envolvendo sucessivas gerações de uma mesma família, seria responsável pela publicação de um número significativo de autores portugueses, entre eles Camilo Castelo Branco e Fernando Pessoa. Da parceria estabelecida entre a diretoria do Grêmio Literário Português e o livreiro Antonio Maria Pereira resultaria, por sua vez, a constituição de boa parcela das obras que vieram a constituir o acervo do Gabinete de Leitura em questão. A presente comunicação discutirá aspectos relativos a essa parceira comercial, bem como a composição do acervo dessa importante biblioteca da Província do Pará.

Palavras-chave:

gabinetes de leitura, acervo de bibliotecas, livraria.

Em 28 de agosto de 1868, o Sr. Francisco Antonio Cardoso, presidente do Gremio Literario Portuguez, recém-fundado em Belém, capital da Província do Pará, escreve de Lisboa ao 1º secretário da instituição, informando que encontrara, conforme lhe fora designado, um livreiro capaz de servir de correspondente do gabinete de leitura em Portugal. Atendendo pelo nome de Antonio Maria Pereira, o livreiro se comprometia, conforme enfatizava o presidente, a “desempenhar cabalm^{te} e dar inteiro cumprimento ás ordens expressas na dita sua carta [do 1º secretário], a que elle prometeo fazer com todo zelo e economia para o Gremio, dando desde logo princípio á encomenda”. (Francisco Antonio Cardoso. Lisboa, 28.08.1868) Explicava, no entanto, que se tratava de uma pequena remessa, pois o encadernador não havia conseguido aprontar mais livros, uma vez que a maior parte deles se encontrava “em brochuras”, encadernadas somente a pedidos. A respeito do restante da encomenda, observava que seria enviada “por todos os navios”, juntamente com as facturas dos livros, à proporção que esses fossem sendo aprontados. Sublinhava também que não deixara de “inspeccionar” “a boa escolha e arranjos” da encadernação, tecendo considerações detalhadas sobre elas ao livreiro. Muito embora não houvesse conseguido grande abatimento nos preços dos livros, observava que o correspondente escolhido gozava, em compensação, “dos foros de homem probo, honesto e honrado” no comércio português, fornecendo também obras para os gabinetes de leitura da Bahia e do Rio de Janeiro.

Na mesma data, 28 de agosto de 1868, Antonio Maria Pereira enviava carta à Diretoria do Grêmio, em que dizia ter “verdadeira satisfação” em assumir o encargo de “correspondente fornecedor de livros” da instituição, pretendendo desempenhá-la com “máximo zelo, diligência e aptidão” a que sua capacidade pudesse atingir. Informava também aos parceiros que acabara de enviar pelo pacote Uruguay,

uma caixa contendo as obras mencionadas na inclusa factura. Aproveitava a ocasião para esclarecer que a pequenez da remessa de livros dever-se-ia às encadernações, que estavam sendo aprontadas. (Antonio Maria Pereira. Lisboa, 28.08.1868)

Ambas as cartas selam uma parceria que, a se pautar pelos documentos atualmente disponíveis, se estendeu de 1868 a 1872. Muito embora suspeitemos que tenha tido maior duração, os vestígios documentais disponíveis não nos permitem sabê-lo. Ainda assim, os que restaram são ricos em informações sobre a forma como se deu esse comércio entre o Grêmio e a livraria Antonio Maria Pereira, bem como sobre as tensões que o envolveram.

Uma primeira questão, sobretudo para aqueles que investigam o comércio livreiro no Brasil do oitocentos, diz respeito à escolha do livreiro português. À época em que a parceria comercial se estabelece, pode-se dizer que a capital do Império já contava com pelo menos 15 livrarias, entre elas a Cremière, belgo-francesa; e a de Villeneuve e de Firmin Didot, além de duas importantes livrarias-editoras: a Garnier, fundada na década de 40 daquele século, e a Laemmert, na década anterior. (MACHADO, 2001) Não obstante, a diretoria do Grêmio prefere estabelecer relações comerciais com um livreiro além-mar. O desaparecimento dos documentos relativos às reuniões da diretoria não nos permitem atestar com certeza as razões que levaram a essa escolha, mas podemos levantar uma série de hipóteses explicativas a esse respeito. A primeira delas, por certo, diz respeito à nacionalidade da instituição. O fato de ter sido fundada por portugueses provavelmente consistiu em fator preponderante na escolha de um parceiro de mesma nacionalidade, residente em Portugal. Num outro sentido, há que se considerar que Belém possuía a essa época um dos principais portos do Brasil Império, facilitando o comércio além mar, como o atestam o trânsito freqüente navios por intermédio dos quais o livreiro envia as encomendas do Grêmio.[1] O interesse em divulgar as obras dos conterrâneos recém-publicadas em Portugal - desejo este manifesto em inúmeras ocasiões pela diretoria do Grêmio - por certo também justifica essa escolha, pois neste caso podiam ter acesso a elas conforme iam sendo lançadas no mercado livreiro português, dispensando intermediários no Brasil. Por fim, o fato de a livraria em questão já ser fornecedora de livros a dois gabinetes de leitura brasileiros - o do Rio de Janeiro e o da Bahia - demonstra que a decisão da diretoria do Grêmio não era prática isolada, pelo contrário, esse tipo de comércio tinha paralelo em outras províncias do país.

Uma segunda questão diz respeito às preocupações constantes da diretoria do Grêmio com o aspecto material das obras, particularmente com a qualidade da encadernação, assunto presente em inúmeras missivas trocadas com o livreiro Antônio Maria Pereira. Diretamente associada ao destino público das obras - fadadas a passar de mão em mão -, já que disponibilizadas aos associados do gabinete, os livros requeriam, sem dúvida alguma, uma encadernação resistente ao manuseio constante. Foi essa razão que levou o livreiro a enviar carta ao Grêmio em 05 de agosto de 1871. Na missiva, desculpava-se junto à Diretoria do Grêmio, que reclamara do fato de ele ter enviado folhetos e livros em brochura, bem como livros truncados e com falta de folhas:

"Outra queixa é a de mandar obras em broxura, e folhetos, quanto a estes deixarei de os remetter embora sejam pequenos romances, gênero de leitura que se me pede sempre de preferência; - quanto porem a obras em broxura, sucede às vezes serem publicadas no momento da remessa, não haver tempo de as encadernar, sem ficarem demoradas por mais 15 dias, vão em broxura para evitar esta demora, mas como isso desagrada, d' ora em diante irão sempre encadernados." (Antonio Maria Pereira. Lisboa 05.08.1871)

A missiva do livreiro revela aspectos relativos à produção das obras, bem como às estratégias utilizadas para comercializá-las. Ao manter obras em formato brochura, capazes de serem vendidas a preços mais baixos e encaderná-las somente se necessário, ou seja, a pedido do freguês, provavelmente conseguia fazer com que elas atingissem públicos com perfis sócio-econômicos diversos, garantindo, assim, escoação mais fácil de seu catálogo e evitando investimento desnecessário de capital. No entanto, a prática de encadernação a pedidos podia trazer alguns inconvenientes. Um deles, ao que faz supor outro trecho dessa mesma carta, residia em "tropelias" do encadernador, que apressado pela urgência de envio pelos pacotes, acabava produzindo livros truncados e com falta de folhas:

"Queixa-se V. S.^a de ter encontrado livros truncados e faltas de folhas, rogo-lhe o favor de me indicar os títulos d' essas obras e explicar as faltas que ellas tenham, para eu exigir a responsabilidade d' essas tropelias ao respectivo encadernador que só pode ser o único culpado d' ellas, assim vagamente como V. S.^a se queixa, nada posso remediar, por ignorar de que livros se trata. Cita V. S.^a a Herança Misteriosa como falta do principio, mas este romance é em dois tomos e não sei qual d'elles é o incompleto e que paginas lhes faltam; a colleção a que este romance pertence, os Dramas de Paris, foi usada e d'isso dei aviso por ser raríssima e não a haver nova, tenho lembrança de que em alguns dos tomos faltava o frontispício, mas como esta falta não prejudicava a leitura, e attenta a raridade da obra e o empenho que havia por Ella, não duvidei mandar este exemplar com esses defeitos, mas a queixa de V. S.^a parece referir-se a falta de folhas que prejudiquem a leitura, por isso lhe peço mais esclarecimentos a respeito." (Antonio Maria Pereira. Lisboa, 05.08.1871)

Não sabemos, por certo, se o encadernador de fato se atrapalhara, como alega Antonio Maria Pereira, ou se servira de alibi para o envio de exemplares com falta de folhas, mas não há dúvida de que a Diretoria do Grêmio estava atenta à qualidade material das obras que lhes eram enviadas. Também não resta dúvida de que o livreiro, na falta de exemplares novos de obras com grande demanda, não hesitava em enviá-los usados, ainda que mutilados. Não causa estranheza, portanto, que recebesse as queixas e procurasse lhes dar resposta verossímil, ainda que a custa de responsabilizar o encadernador por elas.

As missivas trocadas revelam também algo que nos interessa sobremaneira: as preferências da diretoria do Grêmio no que tange aos gêneros de obras destinadas a compor o acervo e, por consequência, serem postas à disposição dos leitores. A se pautar pela missiva acima citada, o gênero romance ocupava posição privilegiada aos olhos da diretoria.

Resta salientar, no entanto, que nem sempre o Grêmio estabelecia o rol de obras e autores a serem enviados pelo livreiro. A bem da verdade, seu acervo parece ter sido composto por uma combinação de obras solicitadas pela diretoria e por outras escolhidas pelo próprio Antonio Maria Pereira. Prova disto é que em carta enviada ao Grêmio no dia 20 de outubro de 1868, ele observava:

"Posto que me fosse confiada a escolha e quantidade destas obras guiei-me todavia pela lista formulada pela dignissima Directoria, dando preferência aos authores que reputei de maior vulto litterario nos diversos generos de litteraturas e restringindo a quantidade aos que agora mando e por ventura a mais algum que reconheça ter direito a selecção estabelecida." (Antonio Maria Pereira. Lisboa, 20.10.1868)

Cabe nos perguntar, portanto, que obras seriam essas. Uma pista para responder a essa questão é oferecida pelo próprio livreiro, que na mesma carta afirma ter enviado coleções românticas portuguesas, bem como vários romances "separados", tendo em vista ser "este o gênero de leitura mais procurado nos estabelecimentos

de leitura, mas sem embargo da predileção que este gênero gosa (sic)". A despeito disso, assinalava que entendera também "não dever sacrificar-lhe as outras especies de litteratura instructiva", motivo pelo qual remetia "uma porção de obras sobre assumptos diversos que creio serão bem acceites pela inteligente administração do Gremio." (Antonio Maria Pereira. Lisboa, 20.10.1868)

Tais considerações, em grande medida genéricas, ganham concretude se considerada a lista de livros que aportaram em Belém em 20 de outubro de 1968. Em meio às 218 obras enviadas ao Grêmio, totalizando 179 kilos, a presença de autores portugueses é pouco significativa se comparada a de autores de origem francesa. Representando Portugal, constam obras de Almeida Garret, que participa com 14 exemplares; entre eles *Viagens da minha Terra, Flores sem Frutos e Portugal na Balança da Europa*, e Alexandre Herculano, que participa com 4 obras; entre elas *Monge de Cister* e *Origem da Inquisição*. Essa representatividade reduzida não nos deve enganar, pois só dizem respeito aos livros enviados nessa data, havendo, pois remessa anterior de 18 obras de um verdadeiro best-seller português, Camilo Castelo Branco. Também há que se levar em conta obras cuja autoria não consta na listagem enviada e que podem ter sido escritas por portugueses.

No entanto, o campo é vasto para os franceses quando se trata de romances. Prova cabal de sua supremacia no comércio livreiro português a essa época é a quantidade de obras traduzidas que atravessaram o mar sob os auspícios de Antonio Maria Pereira, chegando a Belém do Pará. De Paul de Kock vieram 24 títulos em outubro de 1968, entre eles *Amante de minha amante, Filho da minha mulher, Menina bonita do arrabalde*, etc. Eugène Sue perde para ele em representatividade, com 15 obras, entre elas, a popularíssima *Mistérios de Paris*; Ponson dá-se a ler em apenas 8 obras, entre elas, *Rainha das trincheiras, Herança Misteriosa e Pagem de Luis XIV*; Féval com 7; entre elas *Pecadora, Regina ou a mulher demônio*, etc. Menos significativo, nessa remessa, foi o envio das obras de Alexandre Dumas, constando apenas 6 títulos do romancista, entre eles *De Cadis a Tanger*. De Victor Hugo, a apenas um: *Os Operários do mar*. Para além desses best-seller franceses do XIX, Antonio Maria Pereira também reservou espaço aos representantes do romantismo, como Chateaubriand, de quem enviou 3 obras; entre elas *Os Mártires* e Lamartine, de quem enviou uma quantidade significativa de obras, totalizando 23, concorrendo, portanto, com Paul de Kock.

Poderíamos estender essa listagem por páginas a fio, mas infelizmente não é possível fazê-lo nesta ocasião. Entretanto, por meio dela podemos ter uma idéia, ainda que não totalizadora, de parcelas das obras que vieram a compor o acervo do Grêmio. O que ela nos revela, sem dúvida alguma, é a presença significativa de romances entre as obras enviadas e dos franceses em particular.

Da história dessa parceria entre Antonio Maria Pereira e o Grêmio, pudemos contar apenas um capítulo, que evidencia parcela da complexidade que a envolveu. A contragosto, o restante dela ficará, por certo, para uma próxima ocasião.

Referências Bibliográficas

Francisco Antonio Cardoso. Lisboa, 28.08.1868

Antonio Maria Pereira. Lisboa, 28.08.1868

MACHADO, Ubiratan. As livrarias e a vida literária. In: _____ **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, pp. 53-66.

Antonio Maria Pereira. Lisboa 05.08.1871

Antonio Maria Pereira. Lisboa, 05.08.1871

Antonio Maria Pereira. Lisboa, 20.10.1868

Antonio Maria Pereira. Lisboa, 20.10.1868

[1] Os livros chegavam a Belém por meio dos paquetes Uruguay, Jérôme, Augustine, Ambrose, Maranhense e Cearense.